

Um musicar da rua na universidade:

“... MC que é MC tá na Batalha da Escada” (BdE)

Comunicação

GTE 01 – Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem musical

Arícia Rocha

UnB

ariciarock@gmail.com

Athos Freitas

UnB

athos734@gmail.com

Iara Miranda

UnB

maninha.dada@gmail.com

Júlia Mello

UnB

Juliamello.mail@gmail.com

Júlia Rodrigues Passos

UnB

juliaescola13@gmail.com

Pedro Reis

UnB

pedro04reis12@gmail.com

Uliana Ferlim

UnB

uliana@unb.br

Resumo: Este trabalho descreve um exercício etnográfico coletivo realizado entre estudantes de uma disciplina de graduação do curso de licenciatura, que buscou descrever uma batalha de rimas de considerável visibilidade na universidade. Buscamos compreender as dinâmicas sociais e os modos pelos quais os sujeitos envolvidos constroem sentidos com as suas práticas musicais. Com as perspectivas de aprender a etnografar (Peirano, 1995), e informados pelo conceito de musicar (Small, 1998), escolhemos o exercício coletivo em campo e análise (Fiori, 2024) visando a aproximar nosso olhar para a diversidade de formas de aprender, conhecer a abordagem etnográfica, e lançar ideias e questionamentos sobre

nosso lugar de educadores musicais. O entendimento da música como um evento sônico-social, a interação com o ambiente universitário e a organização com o protagonismo dos participantes são aspectos que percorrem este exercício etnográfico e que podem dialogar com nossas práticas educativas.

Palavras-chave: batalha de rimas; DF; musicar; etnografia coletiva

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma experiência etnográfica realizada na chamada “Batalha da Escada” (BdE), evento de rimas improvisadas que ocorre semanalmente no Teatro de Arena da Universidade de Brasília (UnB). A partir da observação participante e do registro em diário de campo, buscamos compreender as dinâmicas sociais e os modos pelos quais os sujeitos envolvidos constroem sentidos com as suas práticas musicais. Em outras palavras, buscamos descrever o musicar (Small, 1998) da BdE.

Conforme destaca Marisa Peirano (2007), a etnografia não se limita à descrição de práticas culturais, mas constitui um processo reflexivo em que o olhar do pesquisador e o contexto observado se entrelaçam, exigindo atenção constante ao lugar de quem observa. Apostando também no trabalho coletivo, e o cuidado com os diversos olhares, nos inserimos no universo das batalhas de rima da UnB, nós que não a conhecíamos presencialmente, e nos deparamos com expressões marcantes da cultura periférica, com códigos próprios, rituais e formas de expressar resistência que se articulam tanto na performance dos batalhadores, quanto nas reações do público.

A BdE se apresenta como um espaço onde se cruzam arte, disputa, coletividade e afirmação identitária, sendo possível observar elementos como a escolha do vencedor pelo público, a presença de bordões compartilhados, a exaltação da cultura de rua e a celebração do improviso como forma legítima de expressão impulsionados pelas batidas eletrônicas dos DJs.

Destacamos os trechos a seguir como resultado de uma abordagem coletiva a que nos propusemos em disciplina do primeiro semestre de 2025 da Licenciatura em Música. A disciplina Seminário em Educação Musical visa a congregar diálogos interdisciplinares e foi desenhado um percurso que lidou com a apresentação do olhar das Ciências Humanas e da Educação Musical para a cultura e a etnografia (Arroyo, 2000). O grupo de cinco alunos

demonstrou interesse pela BdE e foram realizadas observações em campo e breves coletas de depoimentos em 4 visitas a campo pela professora e pelos estudantes autores deste texto.

Esse breve exercício visa tanto a aproximar nosso olhar para a diversidade de formas de aprender, como a conhecer a abordagem etnográfica, e lançar ideias e questionamentos sobre nosso lugar de educadores musicais. O reconhecimento da diversidade cultural e a valorização de práticas musicais subvalorizadas pela academia foram um eixo de condução para nossas escolhas da BdE para interpretação e crítica. Mesmo sendo um breve exercício, consideramos que a possibilidade da escrita coletiva (Fiori, 2024) compõe nosso aprendizado de todas essas questões.

A BdE: um ritual urbano e suas conexões

Nas noites de quarta-feira, os degraus do Teatro de Arena da UnB, popularmente conhecido como “Escada”, tornam-se o cenário pulsante de um ritual urbano que mistura arte, resistência e pertencimento. No dia 07 de maio, embora o evento tenha início anunciado para as 18h, a movimentação se intensifica conforme a noite avança, e por volta das 21h, a escadaria vibra com a presença de estudantes, trabalhadores, comerciantes e artistas.

Ao centro do teatro, sob o foco dos holofotes improvisados e do olhar atento da multidão, acontecem as batalhas de rima. Dois MCs se enfrentam rimando ao som de *beats* lançados por DJs posicionados ao fundo, enquanto um mediador/apresentador, que também usa suas próprias rimas, comanda a dinâmica. Um grupo de jurados acompanha todas as batalhas e é responsável pela decisão final, ainda que o público participe ativamente, pressionando, reagindo e sugerindo os rumos da disputa. Em caso de empate, é o júri quem define se haverá uma nova rodada.

Os versos, quase sempre improvisados, celebram a potência da cultura periférica e frequentemente evocam trajetórias marcadas pela superação, especialmente a partir da rima como ferramenta de transformação social. Em algumas falas, a batalha é representada como uma alternativa concreta ao crime ou à marginalização, ao mesmo tempo em que se mostra como espaço legítimo de afirmação identitária.

Ao redor da cena principal, multiplicam-se os usos e sentidos do espaço. Quem se posiciona mais próximo ao centro demonstra clara sintonia com o rap e sua cultura: braços erguidos acompanhando o *beat*, respostas sincronizadas aos bordões propostos pelo mediador: “Vai matar ou vai morrer?”, respondido em uníssono com “Vai morrer ou vai matar?”. Quanto mais distantes do foco da arena, mais os grupos variam em suas motivações: há quem esteja ali para conversar, fumar, namorar ou apenas circular. Ainda assim, o evento parece reunir todos sob uma atmosfera comum, quase ritualística, em que o coletivo responde a comandos, repete frases, participa da encenação.

Além do espetáculo musical, há um intenso circuito econômico em torno da escada. Ambulantes vendem bebidas, comidas, paçocas, cigarros, acessórios e até roupas. Alguns são estudantes com o intuito de arrecadar fundos para projetos da própria universidade. Pequenos bazares se espalham pelas extremidades da arquibancada, compondo um ecossistema comercial ativo.

O público é heterogêneo: estudantes, trabalhadores, jovens das periferias, pessoas de diferentes origens sociais e raciais compõem um ambiente diverso e inclusivo. Em meio à fumaça, aos cheiros de comida e ao som vibrante dos *beats*, emerge um espaço de encontro e expressão.

Na noite do 07/05, as batalhas funcionaram como eliminatórias para um evento maior, o MESKLA, programado para ocorrer dias depois no Estádio Nacional de Brasília.¹ Esse dado reforça a importância da BdE não apenas como espaço cultural alternativo, mas como uma instância reconhecida dentro do circuito de batalhas de rima do DF.

A observação revelou um espaço híbrido: ao mesmo tempo espetáculo e ponto de encontro, performance e participação, arte e subsistência. Possibilidades de convivência do pequeno comércio com diversos atores pertencentes (e visitantes) (da) à universidade, e uma alavanca para a produção de artistas independentes. A Escada se mostra como território simbólico onde a juventude urbana, especialmente aquela oriunda das periferias, negra e

¹ Conferir <https://www.instagram.com/festivalmeskla/>. Acesso em: 12 julho 2025. O Festival Meskla, em sua terceira edição, aconteceu no dia 17 de maio de 2025 no Estádio Nacional Mané Garrincha em Brasília com a presença de nomes de referência do rap, trap e funk brasileiro como Mano Brown, Djonga, Duquesa, entre outros. Foi transmitido pela TV Globo, que anunciava também o apoio à música independente do Distrito Federal.

marginalizada, não apenas se expressa, mas também ressignifica sua própria presença na universidade e na cidade.

Tradição e renovação: público diverso

Na noite do 28 de maio, em um ambiente já carregado de uma energia expectante, a arena era composta por um público diverso, que incluiu desde adolescentes empolgados até, neste dia, o campeão nacional das batalhas de rima, que assistia de perto a competição.

Enquanto um rapaz se dedicava, meticulosamente, a limpar o epicentro da arena, a equipe organizadora da batalha se encontrava próxima à mesa da DJ, que nesta noite, era uma mulher. A reunião de equipe em roda parecia de grande significado: encorajamentos para os MCs mais novos, lembranças sobre a importância de manter o espaço limpo, e um toque de sabedoria compartilhado entre os veteranos. Ali, naquele círculo, o espírito da batalha não estava apenas no rap, mas na vivência coletiva e no respeito pela arte da rua na UnB.

O público, que aos poucos se aglomerava, começou a se manifestar de forma bem característica, pedindo por rodadas de "*freestyle*". Quando os primeiros batalhadores foram chamados ao centro da arena, a tradicional cerimônia do sorteio "par ou ímpar" determinava quem começaria a disputa. A batalha, com um novo formato, não contava mais com a presença de um júri: o vencedor seria decidido exclusivamente pelo clamor do público.

O mediador, com seu estilo enérgico e sempre afiado, abriu o evento com um improviso que incendiou os ânimos. O público, imediatamente conectado com o ritmo da batalha, respondia de forma sincronizada, gritando, aplaudindo e até vaiando. "O que vocês querem ver? Sangue!", ele gritava, e a plateia respondia em uníssono, como se fosse parte de um ritual inquebrantável. "E vem no uou", "Mata ele!" eram as expressões de apoio e de provocação. O mediador, sempre atento, incentivava o respeito ao rival, pedindo para que o perdedor também fosse aplaudido, criando um ambiente de respeito mútuo entre os MCs. A luta verbal e criativa prosseguia com o público fervoroso. O mediador sinalizava o término com seu bordão: "Barulho pra batalha!". Uma nova disputa começava, e o ciclo se repetia até o clímax da competição.

Ao final da batalha, um momento de pausa se estabeleceu. Enquanto a maioria do público, já exausta da intensidade das disputas, se retirava, um grupo seletivo ficou para assistir às apresentações dos poetas. A dinâmica aqui era diferente: em vez do apoio frenético e das manifestações de força que marcaram as batalhas, um pedido de silêncio se fazia presente. O mediador, com seu tom reverente, dizia: "O silêncio é uma..." e a plateia respondia, como se em oração, "...prece." A atmosfera era densa e respeitosa, uma pausa na agitação para dar espaço à reflexão.

Entre os momentos de descontração e tensão, algo mais sutil passou despercebido por muitos, mas não por uma das observadoras, que os relatou: a presença de crianças, acompanhadas de seus responsáveis, assistindo com fascínio e curiosidade as batalhas. Não era raro vê-las entrelaçadas no fervor da plateia ou em cantos mais tranquilos, como espectadores atentos e interessados na arte do rap.

Entre os rostos familiarmente conhecidos, um em particular chamou a atenção. O professor de fotografia, que lecionava na instituição de ensino superior onde uma das autoras deste texto cursava suas aulas pela manhã, estava ali para apoiar seu filho, Morocho, um jovem MC de apenas 14 anos. Morocho não só participou, mas venceu a batalha naquele dia. Um breve depoimento do jovem revelou um pouco da humildade e da paixão com que ele encarava a batalha.

Naquele 28/05, a batalha foi um evento que uniu gerações, respeitou as tradições e ainda se renovou. As emoções, os desafios e a arte viva do rap se entrelaçaram para formar uma noite que é significativa na vida dos participantes, em que além do espetáculo, ficou claro que a cultura da batalha não só resiste, mas se adapta e se expande nas conexões com o público universitário.

Observadores (se) importam

No 11/06, às 21h, a equipe de observadores participantes se deparou com as fases intermediárias da BdE em pleno andamento. Naquele momento, as eliminatórias iniciais estavam chegando ao fim, e a segunda fase teve início pouco depois, às 21h26. As rodadas seguintes se estenderam até após às 22h, quando os dois finalistas do dia se preparavam para a última disputa.

Durante esse tempo, foi possível acompanhar de perto não apenas as batalhas, mas também a organização do evento e a interação entre os participantes. Um dos MCs, conhecido como Dyeglock, havia acabado de ser classificado para a fase seguinte, e se encontrava reunido com um grupo de apoiadores. Ao se aproximar para conversar com eles, a equipe de pesquisadores foi acolhida com disponibilidade e orgulho, e aos poucos, detalhes da estrutura e da história da Batalha começaram a ser compartilhados.

A BdE segue um modelo bastante sistematizado de competição. Inicialmente, são feitas as inscrições de dezesseis participantes, que compõem a primeira rodada de disputas. Dela, surgem oito vencedores que avançam para a segunda fase, seguidos por mais quatro na terceira fase, e finalmente os dois MCs que se enfrentam na final. Ao fim do evento, o vencedor recebe uma folha personalizada, ilustrada com os nomes dos participantes distribuídos por fase, destacando o nome do campeão da noite.

Na batalha final, o público se desloca para o centro da arena, cercado os dois finalistas. Essa movimentação transforma a arena em um espaço coletivo em que a plateia participa mais ativamente, tanto em presença quanto em decisão. Em geral, o público vota e aclama os vencedores de cada embate. Porém há casos em que um dos MCs reconhece a superioridade do adversário, eliminando a necessidade de votação. Em situações de empate ou incerteza, o grito uníssono de “Terceiro!” convoca uma nova rodada decisiva.

Naquela noite, três artistas apresentaram um funk autoral e dois outros recitaram poesias. Esse interlúdio reafirma o caráter plural do evento, que vai além da competição para tornar-se vitrine de expressões culturais diversas.

Segundo os participantes, a BdE já soma uma década de existência e conta com alvará para funcionar de forma regular. Soubemos também que a BdE se transformou em projeto de extensão formalizado pela universidade, o que exige um professor ou técnico como coordenador das ações. Mas durante a noite, tudo é gerenciado pelos participantes jovens que se alternam entre as variadas funções.

Quando perguntamos a alguns sobre o seu aprendizado, eles dizem que acontece na prática, observando, rimando e convivendo com os pares. Os próprios MCs explicaram que esse modelo alimenta o seu desenvolvimento. Adioli, a moça que vende roupas, em depoimento à professora, disse que frequentou muitas batalhas na periferia e que estava

“enferrujada”. E que desde o começo, tinha vontade de rimar, e “mesmo com medo, eu ia”, e assim foi aprendendo e participando de várias batalhas periféricas até chegar à BdE.

Durante a conversa com outros participantes, outros aspectos da cena foram sendo revelados. Um deles é o cuidado com a saúde vocal dos participantes: cada MC recebe uma garrafinha de água mineral doada, com o objetivo de preservar a voz ao longo das muitas fases da noite.

Nem todos os momentos, contudo, foram celebrativos. Em uma das penúltimas batalhas, dois MCs se excederam nas provocações, e utilizaram rimas com termos explicitamente sexuais e depreciativos. O mediador interveio e aplicou uma advertência aos envolvidos, sendo um deles bastante ágil no improviso e muito jovem. Logo em seguida, um dos participantes previamente entrevistados se aproximou de nós para contextualizar a situação, demonstrando preocupação com a imagem do evento. Esse gesto revelou o quanto os envolvidos reconhecem e valorizam a presença dos “observadores”, considerando a possibilidade de legitimar suas vivências por meio da produção acadêmica.²

A partir das interações, foi possível compreender também o processo de escolha dos nomes artísticos. Cada MC decide como será chamado, muitas vezes com base em histórias pessoais. Um dos participantes, por exemplo, escolheu seu nome a partir de uma experiência em que escapou de um atentado por engano. Hoje, ele sobrevive rimando nos ônibus e no metrô, e encontra na batalha não só um palco, mas uma forma de sustento e projeção. Ele afirmou ter percorrido várias batalhas de rima pelo país. Adiolli também explicou seu nome feito com referência à força da “raça negra”.

Ao final da noite, ficava evidente: mais do que espectadores, nós fomos recebidos como testemunhas de um território simbólico, marcado pela resistência, pela criatividade e por um sentimento coletivo de pertencimento. A escuta e a atenção interessada despertaram nos participantes um visível orgulho ao lado da preocupação em se fazerem bem representados.

² Encontramos alguns TCCs e outros trabalhos acadêmicos de diversas áreas sobre a BdE na biblioteca digital da UnB, mas nenhum da Música: Santos Júnior (2017), do Direito; Silva (2017), da Comunicação Social; e Botelho (2018), da Geografia.

O musicar em contexto: as relações que o sustentam

Compreendendo melhor o evento, observa-se que o fluxo de chegada se dá de forma gradual: ambulantes se instalam, equipamentos de som são montados, e o público ocupa a arquibancada aos poucos. Famílias inteiras, mães com crianças, jovens adultos e até pessoas idosas compõem um ambiente que se reafirma como seguro, plural e acessível. Enquanto aguardam, muitos frequentadores se engajam em atividades paralelas: um rapaz faz crochê, uma moça utiliza seu laptop, crianças jogam bola. São gestos ordinários que também constituem o musicar, no sentido de Small (1998): o fazer musical não se restringe à performance sonora, mas abarca todas as ações e relações que a sustentam.

Em um ritual que se repetiu nos encontros por nós presenciados, observa-se a chegada de grupos carregando mesa de som, caixas, cabos e microfones. No centro da arena, um organizador coleta inscrições em uma prancheta, enquanto outro posiciona câmeras para filmagem. Esse preparo técnico é acompanhado por interações: rodas de conversa, abraços, orientações sobre limpeza do local.

Assim que entram em acordo, o mediador dá boa noite à plateia e iniciam o ritual em sua parte mais visivelmente comunicativa e sonora. Enquanto a arena se enche, distintos personagens compõem o ecossistema: o vendedor dos “cookies brilhantes”, que também é MC (que se envolveu na contenda com o jovem habilidoso); a “brechozeira”, Adioli, que atua como batalhadora e circula entre o público com carisma. Pequenos circuitos econômicos — ambulantes, brechós, barracas de comida — se entrelaçam ao evento, materializando o que Small chama de musicar. São vendedores, artistas, técnicos de som, público: cada um participa do ritual, cada gesto importa.

No dia 28/05/25, a DJ era uma mulher, estava posicionada como protagonista. Ela ajusta meticulosamente o som, circula entre os degraus para testar a acústica e retorna à mesa. A presença feminina nessa função central reafirma o caráter igualitário do espaço, reforçando discussões sobre gênero no hip hop, que ganharam vastas reflexões em trabalhos acadêmicos (hooks, 1984).³ A presença entre os rimadores nos encontros que estivemos é

³ O debate feminista e suas diversas questões estão presentes no hip hop desde suas origens. bell hooks escreve essa obra seminal, *Teoria feminista: da margem ao centro*, em 1984, revelando diversos embates no movimento. Publicada com tradução brasileira em 2019.

majoritariamente masculina. Caberia um olhar com mais tempo para entender a presença feminina e as diversas funções assumidas pelo coletivo que organiza a BdE.⁴

Quando o apresentador abre as inscrições, convida qualquer pessoa a batalhar. Refrões são entoados coletivamente: *“Conheço um cara que é da noite, é também da madrugada... MC que é MC tá na Batalha da Escada...”*. A plateia, mesmo antes do início formal, projeta suas relações sociais ideais: acolhe, vibra, provoca e faz da violência sentida, a violência simbólica. Para Small, é esse entrelaçamento de ação, som, gesto e vínculo que faz a música existir como processo e experiência social.

Cada dupla sorteada se cumprimenta, faz *par ou ímpar* e inicia a disputa. O DJ solta o “beat”; MCs rimam cara a cara, provocando-se com palavras afiadas, mas dentro de limites reconhecidos pela coletividade. Expressões de violência simbólica são absorvidas sem hostilidade — um sorriso, um abraço, uma resposta, um aplauso. O público decide o vencedor, mas quando há incerteza, gritos de *“Terceiro!”* convocam uma nova rodada. Essa dinâmica cíclica confirma que quem ouve também faz parte do musicar — não há separação rígida entre “performer” e plateia. Há um esforço para se manter o clima de respeito e organização que às vezes vem dos próprios MCs. No incidente do confronto que evidenciou cenas sexualizadas entre os batalhadores, Dyeglock, experiente e vencedor da noite, fez rimas com reverências a figuras como Mano Brown e Bezerra da Silva, mandando um recado direto ao jovem, muito habilidoso na rapidez das rimas, mas que desacatou as regras da batalha. O MC estava valorizando o estudo, a tradição, como que orientando o jovem.

De tudo o que foi observado, fica bem evidenciado o conceito de musicar de Christopher Small, e como ele é um princípio para começarmos a desvelar cada evento sônico e social:

O musicar é definido por Christopher Small (1998) como o conjunto de ações e relações sociais que se estabelecem e sustentam um determinado fazer musical. Para o autor, a música precisaria deixar de ser considerada um substantivo e transformar-se em verbo, dando ênfase a toda sorte de ações que envolvem um determinado fazer, ao qual as pessoas se ligam pois estabelecem significados nesta participação. Para o autor, a música é vista como um ritual, as ações envoltas ao fazer musical, sejam as diretamente

⁴ Conferir reportagem do Correio Braziliense sobre a BdE que relata sobre as origens e informa a existência de um coletivo que organiza a BdE:

<https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2025/02/7051308-batalha-de-rap-da-escada-da-unb-completa-10-anos-conheca-o-projeto.html>. Acesso em: 12 julho 2025.

sônicas, mas também as práticas que envolvem esse fazer, a preparação, a organização, a relação entre produtores e consumidores, tudo deve ser considerado para a interpretação desse fazer. Small compreende que participar de um evento musical é projetar relações sociais ideais, isto é, projetar como gostaríamos que elas fossem de fato, pois como seres pertencentes a grupos, necessitamos estar em relação, e a música representaria, sonicamente, as formas ideais de nossas relações sociais. (Small, 1998, *apud* Ferlim, 2023).

Na BdE, observamos a repetição de gestos incorporados, a afirmação de valores, a criação de laços, a construção de mitos, compondo o musicar, com significados de valorização da cultura periférica, reconhecimento social e possibilidades de subsistência.

O olhar da(e) professora(es) e considerações finais

Destacamos algumas questões que abordamos neste trabalho: o entendimento da música como um evento sônico-social e a interação com o ambiente universitário. A organização com o protagonismo dos participantes como princípio para possíveis projetos de ensino seria um tópico a avançar ou algo que possamos valorizar mais em nossas ações. Durante nosso diálogo para a escrita, também questionamos sobre nossas interpretações e ponderamos argumentos com fontes e bibliografia, abrindo a escuta sobre a forma como os atores atuavam entre si, e com relação a nós.

Para compreendermos esse evento, que abre espaço para um musicar não-hegemônico, periférico, ser acolhido pela universidade, resta a conclusão de que as questões envolvidas não são banais. Estamos diante de nosso papel de educadores e das justificativas do porquê e do como podemos levar com integridade o equilíbrio entre o quê e o como ensinar, nós, na universidade, e os futuros professores da educação básica.

O esforço educativo do coletivo que cuida da organização do evento, em seus 10 anos de existência, não parece simples, e as possíveis tensões que aparecem na superfície desse breve relato precisam da presença e postura dialógica dos envolvidos. A criação de espaços de convivência e valorização das pessoas em sua diversidade é demanda sensível. O musicar da BdE se impõe aos professores e técnicos, e a cada encontro, são demandados o olhar e a interação com ele:

Com a quantidade de pessoas que a batalha passou a movimentar na universidade, algumas dificuldades burocráticas passaram a dificultar o evento. "Toda semana tínhamos problemas com a segurança da UnB, que considerava o que estávamos fazendo bagunça, e com outros agentes da universidade. Tivemos diversos episódios de desligarem as luzes do teatro de arena", relata uma das fundadoras e diretora geral do projeto, Mariana de Alencar. ("Batalha de rap..." Trecho de Correio Braziliense, 04 fev. 2025).

Dentre os temas que podem ser melhor desenvolvidos, estão um olhar mais detalhado sobre os elementos sônicos e as escolhas sobre sua utilização. Sendo o musicar uma força de aglutinação social, é necessário compreender melhor a constituição desses aspectos sônicos, o porquê de sua valorização e uma compreensão maior sobre sua dinâmica, em outras palavras, há bastante compreensão a ser feita sobre a percepção e o uso dos sons na constituição deste musicar que devem ser feitas considerando o contexto local. Para além do volume, que parece expressar a necessidade de visibilidade, o uso dos *beats* e a forma de encadeá-los, a relação com a plateia, enfim, há muitas questões.

A BdE se consolida como um espaço de disputa simbólica e de reconhecimento social, onde rimas improvisadas se tornam instrumento de transformação (individual e coletiva), e o cotidiano universitário se abre à diversidade que pulsa além de seus muros. O conceito de musicar, aliado às contribuições dos autores estudados e à etnografia, permitem trilhar caminhos para compreender a BdE como um evento que é território de elaboração coletiva de sentidos, onde o fazer musical é também um fazer político, educativo e afetivo. A agência especificamente sonora, suas características, escolhas e nuances em meio aos DJs e público é outro tópico que pode revelar mais redes de conexões, assim como as diversas interpretações individuais que os diferentes atores, dos diversos extratos sociais, podem realizar.

Este trabalho buscou oferecer uma primeira aproximação a esse fenômeno musical local, expressivo, ressaltando a importância de olhar para espaços populares de criação como campos legítimos de conhecimento. Reconhecendo no musicar uma força potente de expressão, aglutinação e, talvez, transformação social, esperamos que possamos nos acercar desses poderes para mais práticas educativas e significativas dentro e fora da escola.

Referências

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista da ABEM*, v. 8, n. 5, set. 2000, pp 13-20.

BOTELHO, Raphael Steigleder. *UnB. 18h. Quarta-feira. 1000º: A Batalha da Escada como espaço de esperança na autonomia do direito à cidade*. 2018. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), UnB, Brasília, 2018.

FERLIM, Uliana D. C. Uma etnografia da Música do Círculo: um musicar e suas implicações para a educação musical. *ABEM, Anais...* Congresso Nacional XXVI, Ouro Preto/MG. *Online*. 2023.

FIORI, Ana Letícia de. Quando o campo é coletivo: a frota fractal do NAU e suas práticas de etnografia coletiva. *Ponto Urbe* [Online], 32, 2024. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/230672/209131>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

hooks, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida, Ponto Urbe* [Online], 2, 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Barbosa dos. *Os direitos autorais entre os impérios da comunicação: sociedade em rede, propriedade intelectual e hip hop*. 2017. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), UnB, Brasília, 2017.

SILVA, Raphael Montenegro. *[RAP]portagem BdE: um documentário sobre a Batalha da Escada*. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), UnB, Brasília, 2017.

SMALL, Christopher. *Musicking: The Meanings of Performing and Listening*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1998.